

# Índice

<i>Segunda nota do tradutor</i>	11
<i>Nota do tradutor</i>	13
<i>Prefácio</i>	
<i>A ansiedade da contaminação</i>	17

## A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA

### PRÓLOGO

Grande maravilha que estivessem no Pai sem O conhecer	63
---	----

### INTRODUÇÃO

Uma meditação sobre a prioridade e uma sinopse	67
--	----

1. <i>Clinamen</i> ou Encobrimento Poético	85
2. <i>Tessera</i> ou Conclusão e Antítese	119
3. <i>Kenosis</i> ou Repetição e Descontinuidade	153

### INTERCAPÍTULO

Um manifesto por uma crítica antitética	171
---	-----

4. <i>Demonização</i> ou o Contra-Sublime	179
---	-----

5. <i>Askesis</i> ou Purgação e Solipsismo	199
6. <i>Apófrades</i> ou o Regresso dos Mortos	229
EPÍLOGO	
Reflexões sobre o caminho	249

## Segunda Nota do Tradutor

Vinte e quatro anos depois de Harold Bloom ter publicado a primeira edição do livro a que se chama aqui *A Angústia da Influência*, saiu uma nova edição, com um longo prefácio do autor. Vinte e cinco anos depois da primeira tradução portuguesa do livro, esse prefácio é agora incluído nesta edição.

O prefácio pode ser usado com vantagem para substituir dois livros que tornaram Bloom conhecido do público não-acadêmico (e que foram traduzidos em Portugal), mas que não acrescentam muito ao seu mérito como crítico: *The Western Canon*, de 1994, e *Shakespeare: The Invention of the Human*, publicado no ano seguinte ao do prefácio, em 1998.

É importante sublinhar, todavia, que o novo prefácio de Bloom modifica um aspecto essencial da doutrina da primeira edição, e fá-lo em dois aspectos. Segundo a doutrina original, a posição de Shakespeare é particular em relação às literaturas de língua inglesa. Shakespeare é considerado a origem da angústia da influência para os autores que escreveram em inglês; e por isso não teve precursores nem sofreu de angústias. Na doutrina que Bloom introduz no prefácio à nova edição, Shakespeare é, pelo contrário, dotado de precursores e descrito demoradamente em relação a estes, nomeadamente, a Christopher Marlowe; e, por outro lado, a cena primitiva da

influência é deslocada para as hostilidades mais conhecidas entre Platão e os poetas.

Todos os critérios que indiquei na Nota do Tradutor à primeira tradução foram de novo seguidos. Possivelmente o menos consensual será o ter mantido no original os textos dos poemas em inglês citados por Bloom, excepto nos casos raros em que o comentário incide sobre esses textos. Muitos desses autores foram, entretanto, traduzidos para português, e a maior parte dos poemas pode ser facilmente encontrada nessas traduções. António M. Feijó fez-me várias sugestões, que melhoraram muito esta edição (é além disso sua a tradução de *Hamlet* que cito). Vários erros que, em 1991, escaparam à minha revisão foram agora corrigidos silenciosamente. Os que se mantêm são da minha responsabilidade.

M. T.

Agosto de 2016

## Nota do Tradutor

Neste livro são usados termos, essenciais aos argumentos de Harold Bloom, e para os quais (nomeadamente porque esta é a primeira obra de Bloom a ser traduzida para português) não existem hábitos de correspondência. Na sua tradução, preferiu-se sempre a literalidade e, quando esta não foi de todo possível, perífrases pouco brilhantes. Alguns desses termos, ainda que não só esses, referem-se a autores de que existem diversas traduções correntes. No caso da Bíblia, preferiu-se a tradução brasileira da nova edição da *Bíblia de Jerusalém*, a partir dos manuscritos nas línguas originais (São Paulo, 1986), com pequenas modificações pontuais. No caso de Freud, seguiu-se a tradução portuguesa do *Vocabulário da Psicanálise* (Lisboa, 1971). Para referências a outros autores sem uma tradição de tradução em português (e. g. Binswanger, Blake, Borges, Emerson, o Dr. Johnson, Lucrécio, Milton, Pascal, Nietzsche, Yeats), traduziu-se do original. Por fim, não foram simplesmente traduzidos os textos dos poemas citados por Bloom, a não ser nos casos raros em que o comentário de Bloom incide sobre aspectos traduzíveis desses poemas.

Segue-se uma lista dos principais termos problemáticos, por ordem alfabética:

*blocking agent* (agente bloqueador)  
*Central Bard* (Bardo Principal)  
*Covering Cherub* (Querubim Protector)  
*daemon* (demónio)  
*daemonic* (demónico)  
*imaginative* (de, da imaginação)  
*instinct* (instinto [*Instinkt*], pulsão [*Trieb*])  
*latecomer, latecomer poet* (poeta atrasado)  
*maker* (fazedor)  
*misapprehension* (mal-entendido)  
*misinterpretation* (interpretação errónea)  
*misplacement* (colocação errónea)  
*misprision* (encobrimento)  
*to misread* (ler mal)  
*misreading* (leitura má, errónea)  
*misrepresentation* (representação errónea)  
*mistranslation* (tradução errónea)  
*to misunderstand* (compreender mal)  
*negation* (negação, denegação [*Verneinung*])  
*outward and downward* (centrífugo e cadente)  
*outward-going-ness* (extravio)  
*Overall* (supertudo)  
*Oversoul* (superalma)  
*parent-poem* (poema-pai)  
*practical criticism* (crítica, crítica prática)  
*primary criticism* (crítica primordial)  
*ratio* (proporção)  
*to recollect* (relembrar)  
*recollection* (recolecção)  
*revisionary* (de revisão)  
*revisionist* (revisionista)

*stationary context* (contexto de colocação)

*True Subject* (Verdadeiro Sujeito [*wahrhaft seiendes Subjekt*], verdadeiro tema)

*unseeing* (despercepção)

*unwisdom* (não-sabedoria)

Cabe-me evidentemente a responsabilidade de todas as escolhas e de todos os erros, e isso de um modo especial: de facto, o livro de Bloom é ao mesmo tempo um livro sobre a irresponsabilidade de uma coisa e outra, o que torna particularmente irónica a situação de qualquer tradutor.

M. T.

Julho de 1991